

# REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Publicada semestralmente sob a responsabilidade do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará.

ISSN, BL. 0041 — 8862

Membro da International Sociological Association (ISA)

Diretor

PAULO ELPIDIO DE MENEZES NETO

Secretário-Geral

EDUARDO DIATAHY BEZERRA DE MENEZES, editor

Conselho de Redação

André Haguette, Eduardo Diatáhy Bezerra de Menezes, Geraldo Markan Ferreira Gomes, João Pompeu de Souza Brasil, Manfredo Araújo de Oliveira, João Alfredo de Souza Montenegro, José Agamenon Bezerra da Silva, Teresa Maria Frota Haguette, Hélène Velay, Terezinha Helena de Alencar Cunha.

Redação e Administração

Departamento de Ciências Sociais e Filosofia — Centro de Humanidades  
— Universidade Federal do Ceará (UFC) — Caixa Postal 3025.  
CEP 60.000 — Fortaleza — Ceará — Brasil

NOTA — As matérias assinadas são da responsabilidade de seus autores.

SOLICITAMOS PERMUTA

EXCHANGE DESIRED

PASTA: 3  
COPIAS: 12  
R\$: 1,80

# Revista de Ciências Sociais

EDITADA PELO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ — CAIXA POSTAL 1257  
FORTALEZA — 60.000 — CEARÁ — BRASIL

UNIVERSIDADE DE  
PARCELIA  
BIBLIOTECA CENTRAL

20 OUT 1987

## SUMÁRIO

### "QUESTÕES HISTÓRICAS — I"

|   |           |
|---|-----------|
| NOTA EDITORIAL  |           |
| A ESCOLA DOS 'ANNALES' E AS AMÉRICAS LATINAS —<br>Guy Martinière  | 1 — 21    |
| CONTINUIDADE, TOTALIDADE, PERIODIZAÇÕES, CORTES:<br>SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA RELIGIÃO NO BRASIL<br>COLÔNIA — Luiz Felipe Baeta Neves Flores  | 23 — 64   |
| DOS BANDIDOS E SUA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL: UM ENSAIO<br>TRANSCULTURAL — Billy Jaynes Chandler  | 65 — 82   |
| TEMPO DE EXPERIÊNCIA — René Ribeiro   | 83 — 100  |
| A EXPLORAÇÃO COMERCIAL MARÍTIMA E OS NEGÓCIOS<br>ULTRAMARINOS NA ESPANHA DO SÉCULO XVIII — Suelly<br>Machado Crespo   | 101 — 128 |
| ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO DE ATUAÇÃO<br>POLÍTICA DAS CÂMADAS MÉDIAS CEARENSES NA PRI-<br>MEIRA REPÚBLICA: O CASO RODOLFO THEOPHILLO —<br>Antônio Eymard Cavalcam e Porto | 129 — 148 |
| SOCIEDADE CAMPONESA NO IMPÉRIO? — Luciana Silveira de<br>Aragão e Frota   | 149 — 160 |
| NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES  | 161 — 168 |
| DOCUMENTÁRIO  | 169 — 188 |
| RESENHA DE LIVROS (Eduardo Diatáhy Bezerra de Menezes)  | 187 — 198 |
| ÍNDICE GERAL DA REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (1970-1984)   | 199 — 207 |

|                    |           |          |         |          |           |
|--------------------|-----------|----------|---------|----------|-----------|
| Rev. de C. Sociais | Fortaleza | v. 14-15 | n.º 1/2 | p. 1-207 | 1983/1984 |
|--------------------|-----------|----------|---------|----------|-----------|

O exemplo dos Estados Unidos pode ser instrutivo àquelas nações em rápido desenvolvimento que também desejam manter ou construir sociedades livres e relativamente abertas. (Obviamente o crime em sociedades totalitárias ou severamente regulamentadas é normalmente muito mais facilmente controlado).

Nos Estados Unidos, extrema privação — pobreza opressiva — como ainda existe em muitas outras partes do mundo, não existe em grau significativo. Nossos "pobres" recebem salários (do trabalho ou do sistema de bem-estar social ou de ambos) que os colocam entre os povos mais privilegiados do globo. A pobreza nos Estados Unidos geralmente significa privação relativa, que alguns têm menos do que outros. Se isto produz crime, como parece, qual é a resposta? É uma qualidade sufocante imposta por um estado todo-poderoso na qual o preguiçoso tem tanto quanto o industrioso (se é que ainda há algum)? Tal solução, independentemente do que se pensar sobre ela, ofende o sentimento de justiça da maioria dos norte-americanos.

Ao final, depois de decorridos uns bons cem anos de estudos intensos e de especulações por sociólogos e criminologistas sobre o assunto — que variam desde Cesare Lombroso, dentre outros, até às populares teorias marxistas da atualidade — ficamos sem nenhuma resposta completa sobre o que causa o crime e como pode ser evitado. Isto, pressinto, é em si mesmo uma lição significativa. Se tivermos aprendido alguma coisa da experiência com a engenharia social do século XX, é que muitos dos problemas da sociedade desafiam soluções definitivas, porque, por falta de uma melhor maneira de se dizer, estes problemas estão enraizados na condição humana. A abordagem mais realista e, portanto, mais prática para se lidar com o crime deve ser admitir que, de uma forma ou de outra, ele estará sempre conosco; e a maneira mais segura de evitar que ele ponha em perigo a estabilidade de nossas sociedades é lutar para garantir que aqueles que o praticam sejam capturados, aplicando-se-lhes uma retribuição honestamente calculada. Pelo menos, até que compreendamos o assunto muito melhor do que agora, talvez este seja o único caminho que as sociedades livres tenham para lidar com o que quer que seja que transforme alguns da nossa espécie em criminosos.

Traduzido por Agamenon Bezerra

## TEMPO DE EXPERIÊNCIA (\*)

René Ribeiro  
Prof. Titular de Antropologia, UFPE

Os grandes riscos do falar em si, são o *narcisismo* e o *etnocentrismo*. Cada um procura vender sua própria imagem e sua verdade a qualquer preço. O cientista social parece-nos especialmente vulnerável, visto como, em suas indagações e conseqüentes avaliações, para ser equânime, ele tem que levar em conta seus juízos particulares cognitivos, estéticos e morais, possivelmente influenciados: ou pelo *idealismo* (encaminhador para tantas utopias) ou pelo *absolutismo* (excludente da diversidade cultural), ou ainda pelo *relativismo* (especialmente da modalidade à *outrance* do "tudo depende de como se veja", ou então, "em Roma com os romanos"). O empirista-racionalista, pode à vista disso, derivar para um ceticismo empírico, e quando anti-relativista, somente pensar ser derrotado "se colocarem a moral além da cultura e o saber além de uma e outra" — como quer Clifford Geertz. (1)

Quando ainda estudante de medicina, encaminhados para as ciências biológicas e para a arte de curar pelo exemplo de um pai que na Bahia, em 1907, para tese de doutoramento entrevistava as clientes da Santa Casa sobre o início da puberdade (imaginem que escândalo!) e concluiu por condenar os espartilhos e recomendar a bicicleta; pelas contingências da dissolução do patriciado rural escravocrata em que foram atingidos *status* e capacidade econômica de ex-senhores rurais; pelas alterações nas estruturas de poder que a República e as revoluções republicanas trouxeram; pelos mares do

(\*) Conferência no Projeto História da Antropologia no Brasil (UNICAMP, 30-OUT.-1984). Versão atualizada e ligeiramente aumentada.

encilhamento; pela morte precoce de chefes-de-famílias, resultado de epidemias hoje perfeitamente evitáveis; confrontados desde cedo com a pluralidade ideológica decorrente do cultivo, por parentes nossos, ora do positivismo, ora do fábulo, ora do Kardecismo, ora do Darwinismo — parente próximo freqüentava o "cenáculo" do Café Continental al privando com Benedito Monteiro, Joaquim Cardoso e outros (2) — e também do catolicismo romano, que assim se nos tornavam familiares, enquanto os bons dos irmãos maristas se esforçavam por fazer-nos *croilinha*, o convite, embora muito precoce de Ulysses Pernambucano, nosso professor na Faculdade de Medicina do Recife (após uma prova de Fisiologia Nervosa), para que freqüentássemos a biblioteca, então atualizadíssima, da nascente organização de Assistência aos Psicopatas de Pernambuco, foi aceito sem muita relutância mas com alguma desconfiança de que aquele podia não ser o caminho certo para um segundo anista. Outros foram apanhados no mesmo e em outros lances e viriam a constituir os alunos da Escola Psiquiátrica do Recife, orientada por esse famoso reformador e psiquiatra social.

Ulysses Pernambucano era também, então, professor de Psicologia e Lógica nos cursos normal e ginásial, e já havia dirigido e reformado a administração e o ensino na Escola Normal e no Ginásio Pernambucano. Vinha da convivência com Juliano Moreira, o sábio baiano, psiquiatra com estágio e cursos na Alemanha, modernizador da Psiquiatria no Brasil e introdutor da taxonomia de Kraepelin. Foi isso na era de Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Carlos Chagas, Antonio Austregésilo, Correia Picanço, Ulysses Viana, Cunha Lopes, Afrânio Peixoto e tantos outros renovadores da medicina e do ensino médico a essa época. Na sua estreira, entrara também para o internato no Hospício de Alienados da Praia Vermelha o pernambucano José Lucena, de quem o Prof. Leme Lopes, seu contemporâneo, diz que lia Proust às refeições.

Ulysses Pernambucano seguia e aconselhava o emprego do método científico (3) e propugnava reformas nos métodos assistenciais aos psicopatas e o estudo científico das perturbações mentais e sua prevenção, derivados da experiência pessoal e do idealismo de Clifford Beers. (4) Fundara um Instituto de Psicologia que trouxera e incorporara à estrutura da assistenciais aos psicopatas e o estudo científico das perturbações e de medida de várias capacidades mentais, melhorava e refinava os métodos clínicos de diagnóstico psiquiátrico ali postos em prática. As medidas de Higiene Mental

(campanhas de difusão dos seus preceitos arrolavam elementos da sociedade, médicos, advogados, juizes, jornalistas e pessoas sensíveis ao social, compondo uma Liga ou sociedade ancilar da organização estatal para divulgação de medidas preventivas das psicopatas e de cuidados aos egressos dos hospitais de alienados); os préstimos de um dispensário para tratamento ambulatorial dos psicopatas leves, neuróticos e epilépticos, bem como conselhos gerais de higiene psíquica, eram veiculados num *Boletim de Higiene Mental* de distribuição gratuita. A atividade de pesquisa, considerada essencial ao aperfeiçoamento dos profissionais engajados na nova organização, compunha a matéria dos *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco*, publicação semestral, ou era exposta ao público especializado em congressos médico-psiquiátricos organizados pela Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste (depois do Brasil). José Lucena era o assistente-chefe do Serviço de Higiene Mental que então contava com assistentes sociais selecionados por cursos-concursos e também secretários dos *Arquivos*.

Completaram a ação de Ulysses a reforma total do Hospital de Alienados (Tamaquineira) com pavilhão de triagem, pavilhões para agudos de diversas classes, pavilhões para crianças, crônicos, oficinas de praxiterapia; balneoterapia; laboratório central de análises clínicas; farmácia e capela; também a criação de uma Colônia Agrícola no interior do Estado para trabalho dos doentes mentais irrecuperáveis. Seu último projeto, uma *instalação fidalgar* — a Escola para Excepcionais — foi completada em sua instalação e posta a funcionar pelos seus alunos após sua morte prematura aos 53 anos.

Erudito, clínico metucioso e responsável, José Lucena tirou-nos o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels e os volumes de Freud de baixo do braço, argumentando com a precocidade da sua leitura não-crítica e apontando a necessidade de uma prévia familiaridade com os compêndios de semiologia neuropsiquiátrica e com os tratadistas da época: E. Bleuler, O. Bumke, E. Kretschmer, Levy-Valensi, Mayer-Gross, Baruk, Henri Claude, Mira y Lopez, V. Nagera, M. Potet, etc. Foi de colaboração com ele que um ano antes de formados publicávamos o "Inquérito sobre as instalações e métodos educativos dos ofranatos do Recife", (5) ultimamente repetido (inclusive o questionário de atitudes então originalmente elaborado e aplicado a mestres e funcionários) por nossa aluna de mestrado Marielza Camposana Gouveia, em tese defendida o ano passado. No mesmo volume, agora de colaboração com a assis-

situação dos egressos do Hospital de Alienados" (6) em que expunhamos a situação de carência da maioria deles quanto à habitação, nível de vida, emprego, cuidados higiênicos, tratamento ambulatorial etc., concluindo pela necessidade da criação de um Patronato para a sua assistência. Dominava-nos então a preocupação assistencialista. Não obstante, isso não impedia-nos experimentos em outras áreas, nem outros tipos de leituras.

A tipologia de E. Kretschmer (7) levou-nos à experiência precoce de tentar aplicar as suas medidas à população do hospital de alienados. Corretos fichas, instrumental e técnicas, não obstante, os *displásticos* inqualificáveis logo encheram uma gaveta, alertando-nos para a variabilidade das populações mestiçadas quanto a tipos-padrão a serem validados transnacionalmente. Bem antes (1924-28), M. J. Herskovits, operando com um índice matemático elaborado por seu professor Franz Boas, constatara que a variabilidade intra-familiar e transgeracional desmentia o mito do Negro (pura) nos Estados Unidos.

Nessa década de 30, havíamos lido Casa Grande & Senzala, visto o I Congresso Afro-brasileiro do Recife e lido, por empréstimo de Gilberto Freyre, o *The Mind of Primitive Man*, de Boas. Arthur Ramos publicava então seu *O Negro Brasileiro* (de conclusões psicanalíticas francamente criticáveis) e repubblicava os livros de Nina Rodrigues, Manuel Querino e João do Rio, arrolando entre seus seguidores a Edison Carneiro e outros. Era nosso primeiro contato com os estudos sobre as culturas negras no Novo Mundo e seus processos adaptativos, de que iríamos nos ocupar futuramente em muito maior grau. Incursões não sistemáticas havíamos feito a esse tempo, verificando e descrevendo o funcionamento dos cultos afro-brasileiros, chegando a tentar esclarecer, mediante testes psicológicos, os fenômenos dissociativos da possessão. (8)

A preocupação, a seguir, foi com o método estatístico aplicado à higiene mental. Ainda antes de diplomados em medicina, havíamos seguido um curso sobre essa matéria, ministrado por Ulysses Pernambucano que havia organizado na administração Arnauy de Medeiros a seção de estatística da antiga Diretoria de Higiene e Saúde Pública de Pernambuco. O trabalho de conclusão versou o tema *As Esquizofrenias: estudo estatístico e sua aplicação à higiene mental* (Recife, 1937) que, expandido na sua parte teórica e nas suas séries estatísticas, foi apresentado como tese em concurso para il-

vre-docente de psiquiatria na Faculdade de Medicina do Recife (hoje incorporada à UFPE), defendida e aprovada menos de um ano após nossa formatura em medicina. Aquela época Ulysses desejava colocar o maior número de seus alunos em cátedras e docências da especialidade ou afins (conquistadas em concurso em que só valiam o mérito e o saber dos candidatos). Seguiram-se três anos de atividades clínicas principalmente no Sanatório Recife, hospital psiquiátrico particular criado por Ulysses Pernambucano após sua demissão voluntária da Assistência a Psicopatas, sua prisão e reforma compulsória dos cargos públicos após 1935.

Essa foi uma época, na medicina, de importantes conquistas. Foram áreas que então se desenvolveram: nutrição-nismo (vitaminas e metabolismo basal), glândulas de secreção interna (dismorfismos e disfunções), descoberta e uso dos antibióticos (a penicilina, por exemplo, liquidou a Paratuberculose Progressiva, terrível fase da lues quaternária), adoção de terapêuticas biológicas e de choque na psiquiatria (insulina, cardiazol, eletrochoques), difusão das escolas psicoterápicas analíticas, concepção psicobiológica de Jackson, etc. Seguir-se-iam o *curare* em anestesiologia e em psiquiatria, bem como a revolução terapêutica dos neurolépticos e psicotrópicos, anti-distônicos e antidepressivos.

Em pleno Estado Novo, participamos da 3ª Semana de Ação Social, um movimento social católico, oriundo do Rio de Janeiro que se baseava na realização de inquéritos extensivos sobre a situação física (habitação e moradia), familiar (tipo de casamento, número de filhos), social (profissão, emprego etc.), econômica e cultural das populações operárias. Junto com outros voluntários recrutados pelo então juiz de menores, Rodolfo Aureliano (homem-áltera para os problemas sociais e por função metido neles), tomamos parte na coleta de questionários aplicados a 1.033 famílias operárias da periferia do Recife, relatando numa das sessões de estudos que se seguiram o tema: "O problema da habitação do operário urbano no Recife". (9)

A mesma época o então interventor federal em Pernambuco passava a materializar sua Campanha Contra o Mocambo, até então somente jornalística e policialasca (inquérito mandado por ele fazer sobre a habitação popular foi considerado sigiloso e entumbado na Diretoria de Estatística do Estado) fazendo construir uma vila para funcionários e operários de uma repartição do Estado. De posse dos mapas de apuração (manual) dos questionários de 1939, com os dados sobre

tipo de habitação, dimensões, localização, higiene etc., tamanho das famílias operárias, orçamento doméstico etc., projeção dos dados sobre as plantas físicas, orçamento de custos e cálculos de amortização desses imóveis do projeto, estatal, concluindo que os operários não poderiam ocupá-los por terem famílias grandes demais e (nem ao menos armar suas redes por terem de esburacar as paredes) e se o fizessem não poderiam custear as instalações sanitárias nem reparar esses imóveis, tampouco amortizar em prestações o seu custo, por não terem disponibilidade orçamentária desse alcance. Quase deu cadeia, na véspera do nosso casamento... O tempo, porém, inclusive com episódios até jocosos, mostrou que tinha-mos razão.

Na década de 40 havíamos fundado, junto com o juiz de menores (para quem organizamos e dirigimos uma clínica de conduta) e com professores universitários de estatística, sociologia, medicina, economia e outras matérias básicas, uma Escola de Serviço Social, então vinculada ao Instituto Social do Rio de Janeiro e posteriormente incorporada à UFPE. Durante a 2ª Guerra Mundial lecionamos "Técnica de Serviço Social de Casos Individuais" num Curso Intensivo de Serviço Social, promovido pela Legião Brasileira de Assistência optando pela orientação da Russell Sage Foundation (Boston) na individualização do problema do carente, em lugar da "manipulação ambiental" preferida pela Escola de Filadélfia.

Nessa mesma época, Donald Pierson, aluno da escola ecológica de Chicago, realizou trabalho de campo sobre relações raciais na Bahia para sua tese de doutorado, voltando ao Brasil para fixar-se como professor de sociologia na Escola de Sociologia e Política de S. Paulo. Aí fomos encontrá-lo desenvolvendo um excelente programa de ensino e de difusão da literatura social norte-americana e mundial, especialmente dos trabalhos dos discípulos de Park e Burgess. Beneficiamo-nos da distribuição dos clássicos sociológicos traduzidos e editados no Brasil, uma das atividades de difusão cultural das mais profícuas que já vimos. Muitos outros "scholars" americanos e de outras nacionalidades visitaram então este país e deram cursos sobre suas especialidades e nossas peculiaridades ou escreveram artigos e livros: Radcliffe-Brown, Arbusse Bastide, Alexander Marchand, T. Lynn Smith, Robert Smith, Roger Bastide (este ligando-se como professor e especialista em assuntos afro-brasileiros à Universidade de S. Paulo) e muitos outros. Claude Levi-Strauss, após breve visita produziu um livro infeliz: *Tristes Tropiques*.

Ficáramos durante algum tempo encantados com a sucessão ecológica nas cidades, conforme estudada pelos cientistas de Chicago e depois pelos clássicos estudos de comunidades (Middletown, a Yankee Series etc.), de personalidade e cultura (Linton, Kardiner, Benedict, Mead etc.), de aculturação (o *memorandum* do Social Science Research Council e suas correções), de áreas culturais (Wissler, Kroeber, Redfield etc), de formação da sociedade brasileira (especialmente a obra de Gilberto Freyre), até a visita ao Recife do Prof. Melville J. Herskovits. Este viera de estudar o *candomblé* da Bahia e visitar o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro, dentro do seu plano de estudo das situações escalonadas da aculturação negra nas Américas. A Escola do Recife inclinava-se nessa época para considerar os cultos afro-brasileiros de um ponto de vista principalmente psicopatológico, mais do que antropológico. Segundo Souza Barros, testemunha contemporânea, "foi nessa época que os estudos da influência negra no complexo social passaram a ser uma constante e mereceram de Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano, tanto o interesse de pesquisa, como a garantia de por a salvo as manifestações religiosas dos negros das perseguições da polícia" — continuando — "digamos também, no que toca aos estudos, recebendo melhor compreensão". (11) Do seu encontro com mais rígidos de Nina Rodrigues". (11) Do seu encontro com Ulysses Pernambucano e alunos, resultou uma quinada de cento e oitenta graus dos estudos até então procedidos. Herskovits retribuiu a adesão, dizendo a uma de suas classes em Northwestern, que então vira encontrar-se diante de um verdadeiro cientista.

Do nosso contato com esse professor americano foi que decorreu nosso projeto de fazer estudos sistemáticos e aprovados sobre a ciência do homem para poder melhor situá-lo espacial, temporal, social e culturalmente. Antes mesmo de obtermos, por concurso, uma bolsa de estudos no Institute for International Education para fazermos o mestrado em antropologia, sob a direção do Professor Melville J. Herskovits, realizamos um inquérito no Recife, visando dirimir uma polémica entre o sociólogo negro Franklin Frazier e aquele antropólogo. A pesquisa da 3ª Semana de Ação Social havia acusado uma frequência de uniões consuetudinárias entre os operários da ordem de 17%. O inquérito que então realizamos com amostra aleatória (passantes nas esquinas) e com outra amostra de fins comparativos, esta homogênea (soldados da polícia militar), revelou estarmos ante práticas matrimoniais institucionaliza-

religiosamente sancionada) de origem na poligínia africana. (12) O decorrer do tempo mostrou que estávamos certos ao vê-las estendidas sob certos distarces a outros segmentos da população de origem étnica e posição social diversas e a provocar a aprovação da lei Nelson Carneiro.

Nossa tese de mestrado, de 1949, foi calcada sobre materiais que colheramos em anos de convivência com os grupos de culto afro-brasileiros e de observação de suas práticas rituais e registro dos seus mitos e crenças. Esse trabalho foi trazido e ampliado com novos dados quando do nosso regresso e publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. (13) É óbvio que a orientação teórica que adotáramos sob Hershkovits seria *etno-histórica, relativista, dinâmica, aculturativa e empírico-racionalista*.

Mel Hershkovits difundiu entre seus alunos as posições do grande Boas: imperativo metodológico do trabalho de campo; substituição do evolucionismo linear pelo pluralismo cultural; rejeição do difusionismo e ênfase sobre a estabilidade e a mudança cultural (os estudos de *aculturação* viriam a seguir); posicionamento teórico-eclético — a maior contribuição teórica de Boas, para ele, teria sido o conceito de cultura "como uma força dinâmica e mutável que deve ser entendida somente se a reconhecermos como uma manifestação da vida mental do homem". (14)

Prefaciando junto com William R. Bascom (então seu professor adjunto na Universidade de Northwestern) uma coletânea de trabalhos dos seus alunos de Ph. D., do Programa de Estudos Africanos, que haviam feito pesquisa de campo na África, Hershkovits acentua que a análise sincrônica de determinadas sociedades fornece os dados essenciais "à formulação de novas hipóteses ou ao teste de velhas hipóteses e de teorias já aceitas", continuando — "esse teste de hipóteses e teorias constituiu a contribuição da antropologia clássica às ciências sociais" (...). "Ela tem sido instrumental no acentuar a importância do aprendizado para a compreensão do comportamento humano e para desviar o interesse e a pesquisa do papel dos instintos, da catalogação de traços da natureza humana, do determinismo racial e de complexos de *Edipo transmitidos biologicamente*". O que era visto antigamente como padrões inatos — aduz — hoje é largamente aceito como conduta aprendida na qual o indivíduo é enculturado à medida em que cresce para tornar-se membro de sua sociedade e sua estrutura. "*Predições e leis, em antropologia, não*

podem servir ao estudo de uma cultura particular, mas, para que se tornem válidas, decorrer da consideração das dimensões espaço-tempo por meio do uso dos métodos histórico e comparativo". (15)

Foi o professor de Northwestern quem impulsionou, nessa e nas décadas seguintes, os estudos afro-americanistas. Num primeiro passo destacou-se sua contribuição ao levantamento da situação do negro nos Estados Unidos, empreendimento de Gunnar Myrdal (16) que resultou na publicação de *The Myth of the Negro Past* (17) onde vários equívocos e preconceitos foram esclarecidos: entre eles, que o negro no Novo Mundo, culturalmente, nada retivera de africano; que a dispersão dos escravos apagara a identidade tribal; que as culturas africanas sendo "selvagens" e "inferiores" na escala da civilização humana, entretiriam o preconceito e tornar-se-lam pouco atrativas ante a "superioridade" européia. A retenção, pelos descendentes de africanos, dos valores internos, de preferência às formas culturais explícitas, revelou-se o mais importante fator para a compreensão da situação aculturativa — disse então Hershkovits, elaborando uma nova metodologia, para as situações escalonadas da retenção de africanismos, para o estudo das culturas negras no Novo Mundo. (18) Subseqüentemente, a variedade e o dinamismo das situações aculturativas, forneceriam as evidências para a formulação dos conceitos teóricos gerais de *enculturação, re-enculturação, seletividade da retenção ou transmissão das formas culturais, foco cultural, papel do indivíduo na cultura, relativismo cultural, sociedade e cultura* etc. (19) Difícil fica, assim, tolerar a impugnação de que a *aculturação* seja um conceito ultrapassado, por meramente mecanicista e estático; antes, é sincrônica, dinâmica e pluralista, além de diferenciar-se dos estudos culturais-históricos ("escola vienense"), do difusionismo, e de rejeitar a história conjectural e os determinismos histórico e econômico.

De volta ao Brasil retomamos na década de 50 nossa prática médica e passamos a colaborar com Gilberto Freyre na implementação do seu então titubeante Instituto Joaquim Nabuco, hoje florescente Fundação. À essa época preocupou-nos o papel dos indivíduos no Xangô (20) e delinhamos e passamos a executar uma pesquisa com o teste psicológico de Rorschach aplicado aos fiéis que experimentavam a possessão "fetichista", concluindo que o transe não provoca nenhuma alteração estrutural da personalidade, tampouco é morbígeno, servindo ao contrário para a libertação de tensões e

à incorporação de papéis sociais mais consentâneos com as aspirações dos fiéis. (21)

Em 1953 tomamos parte no projeto da UNESCO de estudo das relações raciais no Brasil. Nosso setor foi o do papel da religião, implicando num repasse das teses e observações de Gilberto Freyre sobre nossa história social, entrevistas com elementos dos vários segmentos da população e de religiões diferentes, bem como a aplicação do teste de distância social de Bogardus. (22) O método combinava a abordagem etno-histórica com o teste psicológico de atitudes. Concluímos que existe no nosso meio preconceito contra negros e mulatos, mais pronunciado nos *strata* médios e superiores de nossa sociedade, apoiado em estereótipos relativos à suposta inferioridade racial e cultural das pessoas de cor e inculcados durante a socialização dos indivíduos, mas que esse preconceito é burlado pela *miscigenação* que provoca o apagamento perceptivo das *marcas étnicas* (ver a excelente contribuição de Oracy Nogueira sobre este assunto) (23) e barreado pela ideologia cristã de igualdade e de caridade, permitindo-se nessa sociedade o "passing" e evitando-se a segregação racial e formas ostensivas de discriminação. A religião é variável dependente, ligada aos componentes *classe, status e poder*, conforme definidos no curso de nossa formação social. Certos católicos demonstraram histórica e experimentalmente maior vulnerabilidade ao anti-semitismo, a comparação de grupos experimentais católicos, evangélicos e laicos de-sautorizando toda afirmativa de ser a religião *per se* o único fator nesse tipo de atitude.

Verificamos nessa pesquisa, igualmente, a *morenidade* no Brasil, já assinalada por Gilberto Freyre, fruto da *miscigenação* seletiva e ligada à restrita mobilidade ascensional das classes sociais dependentes e seus membros "de cor". O professor de ciência política da Universidade Cândido Mendes e decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais, Hélio Jaguaribe, considera urgente a adoção de "novos processos de mobilidade étnico-social" destinados a acelerar a redução das distâncias sociais no Brasil e à modificação da imagem social do negro consequente, sem apelo à "contraproducente receita da ideologia da negritude", no que concordamos, dependendo do *modus operandi*. (24)

As reações do negro ao cristianismo na América Portuguesa foram objeto de comunicação à Conferência sobre a História da Religião durante o Período Colonial, Washington, DC, 17 a 18 de Dezembro de 1957, acentuando principalmente

92 Rev. de C. Sociais, Fortaleza, v. 14/15, N.º 1/2, 1983/1984

a escravidão: o *malungo* e o feiticeiro — adivinho, as irmãs dadas, o *candomblé* (25) Outra preocupação foi com o papel da problemática pessoal (um tema psicológico) na percepção do fiel dos cultos afro-brasileiros em sua interpretação do jogo divinatório de Ifá. Um estudo de caso foi apresentado ao XXXI Congresso Internacional de Americanistas, acentuando como influência sobre a percepção dos consulentes e como revela-se sua enculturação durante uma sessão divinatória. Simbolismo religioso, detalhes rituais, significados esotéricos, estrutura e função desses grupos de culto ficam assim expostos ao conhecimento e à análise pelo investigador. (26)

Ao final da década de 50 passamos a exercer a cátedra de Etnografia do Brasil, na Faculdade de Filosofia da UFPE, experimentalmente então o estudo do sistema inter-relacional de nossas classes com a técnica sociométrica de Moreno, com a finalidade de aprimorarmos o seu rendimento escolar (27), ocupando depois o cargo de Professor Titular de Antropologia nesse Instituto, até nosso jubileu, em 1984, tendo antes participado da organização do Mestrado em Antropologia e das suas atividades curriculares na área da Antropologia Cultural. Nossa posição teórica vem expresso em "Antropologia e integração das ciências do homem". (28)

O estudo monográfico de um movimento messiânico, à base de documento inédito do Arquivo Nacional (autos da devassa mandada proceder após sua repressão militar) revela como nenhum outro estudo do assunto o caráter sebastizante, milenarista, quilástico e rústico desse tipo de rebelião religiosa. (29) No ano seguinte apresentávamos um estudo sistemático desses movimentos no Brasil, desde os mais remotos anos do período colonial (30) apontando o caráter contra-aculturativo e de resistência à dominação das "Santidades" e de outros movimentos indranas mais recentes, bem como o papel das lideranças, a rusticidade, o quilismo e a esperança messiânica em movimentos como o de Canudos, do Contestado, Juazeiro etc.

A observação das cerimônias religiosas em homenagem aos gêmeos (*Ibegi*) realizadas em três grupos de culto afro-brasileiros, no Recife, deu origem à sua interpretação em termos do tipo de liderança aí prevalente (Max Weber) e mais recentemente sua análise à luz dos conceitos de "liminaridade" e "comunhas", seguindo a Victor Turner (31) e (32), mostrando não haver incongruência e sim complementariedade entre as abordagens etno-histórica e estruturalista em antropologia. Uma das chefias

Rev. de C. Sociais, Fortaleza, v. 14/15, N.º 1/2, 1983/1984

de um desses grupos também foi analisada, quanto ao caráter psicopatológico de sua personalidade e de sua conduta civil e religiosa. (33)

Pequeno estudo monográfico sobre a principal igreja do culto pentecostal no Recife foi realizado enfocando sua estrutura, funcionamento, afiliação, composição de sua congregação, hierarquia, vivência e experiência mística, especialmente no batismo pelo E. Santo. (34) seguido pelo estudo comparativo dos cultos católico, pentecostal, umbanda e candomblé, considerações sobre religiões de participação, em face da conjuntura e continência do Brasil moderno (inquirindo-se os seus fiéis também sobre suas motivações religiosas, comunalismo e experiência mística ("O que encontra na sua igreja?"). Os resultados da pesquisa de campo e sua discussão foram apresentados ao FESTAC 77, Lagos, Nigéria (35). Em nota metodológica a esse estudo, posicionamo-nos como empiristas, relativistas, antropolocentristas, adeptos de um tipo de análise multidisciplinar integrativa-abrangente. A cultura é vista por nós como uma construção simbólico-integrativa, dinâmica, transformada pelos processos de enculturação e de transculturação, enquanto o homem é visto como criatura e também como criador da cultura. Dele dizemos ser um ser *único, inteligente, dotado de razão e vontade, capaz de reações idiossincráticas e de decisões livres.* (36)

Esse posicionamento teórico faz com que rejeitemos o estruturalismo marxista que tem capturado a imaginação das novas gerações de antropólogos, mormente no Brasil, atigada pelo simplismo das oposições dialéticas (e dos seus diagramas relacionais, apelidados maliciosamente de "pombais") e pelos acenos à mudança *tout court*, da parte de ideólogos e ativistas. Para exemplificar, apontemos que tais teóricos — eles creem ser únicos e sofisticados — apóiam-se numa versão do evolucionismo de Leslie White por Elman Service e Marshall-Sahlins, que no dizer de Robert Murphy desemboca simplesmente no determinismo econômico e ambiental da "ecologia cultural" de Julian H. Steward. (37) Além disso, põem de lado o determinismo histórico de Marx (por fora-de-moda) para seguirem à Toynbee que reedita o tipo de história conjetural de Spengler (38).

Desenvolveu-se também no Brasil (atropelando Levi-Strauss e os Imaginários, seguidores de Jung) uma "cultura psicanalítica" psicologizante. No dizer de Sêrvulo A. Figueira, na introdução a recente coletânea de ensaios,

94

Rev. de C. Sociais, Fortaleza, v. 14/15, N.º 1/2, 1983/1984

"uma leitura cuidadosa de parte das ciências sociais brasileiras mostra que a psicanálise é muitas vezes aglutinada à perspectiva do autor (e não utilizada de modo *regulado* que só poderia resultar de uma articulação *teórica* psicanálise/ciências sociais) e que tal aglutinação pode ser vista como o resultado da participação do pesquisador numa cultura psicanalítica que lhe dita, sem que disto se aperceba, perspectivas de trabalho e pensamento psicologizados, que parecem fazer da psicanálise *sempre e intrinsecamente* um instrumento bom, competente, produtor de verdade e libertário, em qualquer situação que seja utilizado. É assim que podemos ter (exemplos fictícios) a reação de um operário do ABC a um entrevistador doutorando da USP interpretada através de um parâmetro Kleiniano, que entra em cena antes (e ao invés), de qualquer consideração relativa à diferença de classe, choque cultural etc." (39)

Mais recentemente temos publicado "Cogitação em torno de uma Psiquiatria Transcultural" (40), e "Religiosidade popular e cultura" (41) este último trabalho, conferência na Universidade de Brasília, o ano passado.

Quanto temos dito sugere o problema metodológico da área de pesquisa preferida pelo antropólogo (no nosso caso a urbana, da periferia de uma grande cidade) e da abordagem escolhida por ele — observação participante e o método etno-histórico, no nosso caso.

É preciso notar teremi havido consideráveis diferenças rural-urbanas na aculturação negra no Brasil, embora os estudos de *aculturação* tenham perdido seu *charme* face ao estruturalismo marxista abraçado pelas novas gerações. Octavio da Costa Eduardo, em pesquisa de campo no Maranhão, para tese de doutorado em Northwestern, apontou no interior daquele estado a persistência de formas cooperativas de trabalho, da independência econômica da mulher e a frequência de sucessivas uniões consuetudinárias (*amazamiento*), enquanto na cidade de S. Luís as condições eram mais favoráveis à preservação de práticas religiosas africanas sincretizadas e reinterpretadas. O afroamericanista Roger Bastide, após ressaltar a influência da maior concentração de escravos libertos e de negros e negras "de ganho" na cidade, situou os cantos (grupos de trabalhadores urbanos "autôno-

95

Rev. de C. Sociais, Fortaleza, v. 14/15, N.º 1/2, 1983/1984

mos"), as nações (agrupamentos étnicos de propósitos lúdicos e de rudimentos de auto-governo com seus "governadores" e "reis e rainhas" de Congo), as *Irmandades* (dos Homens Pretos, Pardos, do Rosário dos Pretos, de S. Benedito, de S. Gonzalo etc.) e os *batuques*, numa "perspectiva da sociedade total na época" e também como "nichos", especialmente o *candombé*, de resistência à deculturação. No subúrbio, segundo os mais recentes investigadores, perto de sessenta por cento da população são migrantes rurais, permitindo aos recém-chegados o encontro e o amparo de parentes, afins e amigos (estes últimos 84% segundo Periman), bem como o estabelecimento de novas teias inter-relacionais, de solidariedade e de reciprocidade, que vêm permitindo, desde o período colonial, a formação de verdadeiros nichos destacados por Bastide como favorecedores da preservação de modos de vida, de crença e de ritual originariamente africanos. (42), (43) (44), (45).

Temos sempre acautelado nossos alunos para os riscos de uma confiança irrestrita na abordagem êmica (46) dos fenômenos culturais: o pensar, por exemplo, que iniciando-se em cultos esotéricos ou aderindo aos rituais de etiqueta dos fiéis seria o melhor meio de adquirir total familiaridade e confiança. Tampouco é o pesquisador uma servil criatura da sua cultura. Conforme observa corretamente Michael Novak (47), "O espírito humano está preso pelas realidades de sua cultura. Ocasionalmente ele sai para ver de fora para dentro". A incrível indisciplina da viúva Malinowski, por outro lado é um alerta para o estado de ânimo com relação ao povo estudado de quem apresenta relatório de pesquisa limpo de referências pessoais. Já Herskovits dizia ser excepcional o antropólogo que deixasse o campo sem um arranhão no seu relacionamento pessoal com todos os membros do grupo. Ou que a mera presença do investigador a uma participação *integral* convença chieles, sacerdotes e seguidores a aceitar o intruso sem restrições. O casal De Groot — é mais um exemplo —, só foi aceito pelo ariscos negros *maroons*, do Suriname, porque haviam "trocado as suas almas" (o que é uma boa metáfora) tornando-se pretos ao conhecer os "segredos" da história holandesa (comunicação pessoal). Pesquisadores de campo experientes riem de artistas que dizem ter "feito a cabeça", ou de senhores papudos que se prosternam e tomam a bênção a *babalorixás*, *ialorixás* e *ogans* no rito do *odubalé* reservado aos "filhos" ou candidatos a "filhos de santo" no início

das danças do *candombé* baiano ou do xango recense. Isso, para não mencionar o *asco* ao *cauim*, indígena ou ao *chimarão* gaúcho da parte de visitantes, incapazes de dominarem seus condicionamentos.

Lembramo-nos, a propósito, de que em grupo de culto afro-brasileiro muito tradicional e muito famoso no Recife, o *axogum* da casa nunca "foi conosco", em contraste com a *ialorixá* e algumas das *labás* idosas que nos acolhiam sem restrições. Estamos mesmo certos de que o ruir de tambores que sempre acompanhava nossa saída desse "terreiro" convocava um enxame de *Exus* a nos seguir. Exceção ao estabelecimento obrigatório de um relacionamento *empático* no trabalho de campo, parece-nos que deva ser feita aos *marginais* ou *desviados* e *ressentidos*, porque, menos integrados aos padrões comuns da sua cultura, mais livremente podem aceitar o estranho e falar sobre esta. Mel Herskovits indicava-os como os mais acessíveis ao contato pessoal com estranhos: mais pródigos no fornecer informações sobre os usos e costumes do seu povo, em criticá-los livremente e em revelar segredos, mesmo os mais bem guardados. Sabemos que no caso do Brasil, um desviado sexual, excelente etnógrafo, passou nos últimos tempos a residente permanentemente de aldeia indígena, mas suas "amizades" determinaram ciúmes na tribo que, diz-se, foram causa do "acidente" que tirou-lhe a vida. Outro homossexual tornou-se respeitado *oluwó*, perito no jogo divinatório de Ifá, terminando por relaxar suas pesquisas etnográficas em função da substituição da sua posição racionalista por outra "animista" (ao visitarmos Ifé "cidade santa" da Nigéria este crente, por subterfúgio, impediu-nos de fotografar o que quer que fosse) e se estabelecer como *babalá* ou *sacrdote-adivinho*.

Perguntaríamos então: até que ponto será possível ao pesquisador neutralizar sua enculturação para encarnar legitimamente o papel de fiel ou até de *sacrdote* numa religião estranha, ou então membro de tribo indígena exótica e até que ponto serão válidas e despreconceituosas as suas observações e conclusões sobre o grupo social que estuda? Será sempre preciso trocar a alma?

#### NOTAS BIBLIOGRAFICAS

- 1) Geertz, Clifford — "Distinguished Lecture: anti antirelativism". *Am. Anthropologist*, vol. 86, n.º 2, junho 1984, págs. 263-78, cit., pág. 276.

- 2) Souza Barros, M. — A Década de 20 em Pernambuco, Rio, 1972, págs. 209 segs.
- 3) Ramon y Cajal — Regras e Conselhos sobre a Investigação Científica. Trad. 6.ª ed. espanhola por Achilles Lisboa, Ed. Científica, R.O., 1942.
- 4) Beers, Clifford — Um Espírito que se Açou a Si Mesmo, autobiografia. Trad. M. Bandeira, prefácio Afrânio Peixoto. Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1934.
- 5) Lucena, José e René Ribeiro — Arq. Ass. a Psicopatas, vol. V, ns. 1 e 2, 1935, págs. 145-63.
- 6) Ribeiro, René e Eulina Lins — Arq. Ass. a Psicopatas, vol. V, ns. 1 e 2, 1935, págs. 28-36.
- 7) Kreischner, Ernest — La Structure du Corps et le Caractère, Trad. 6.ª ed. alemã por Jean Yanklevitch, Payot, Paris, 1930.
- 8) Ribeiro, René — "Alguns resultados do estudo de 100 médiums" em Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano, J. Comércio, Recife, 1937, págs. 43-84.
- 9) Ribeiro, René — Arquivo da 3.ª Semana de Ação Social. Imp. Oficial, Recife, 1939, págs. 3-29.
- 10) Idem — Neurobiologia, vol. V, n.º 2, 1943, págs. 71-90.
- 11) Souza Barros, M. — Loc. cit., pág. 302, grifo nosso.
- 12) Ribeiro, René — "On the Amaziado Relationship and other aspects of the family in Recife, Brazil", Am. Sociological Review, vol. X, n.º 1, feb. 1945, págs. 41-51.
- 13) Idem — Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de etus-tamen.o social. IJNPS, Recife, 1952.
- 14) Herskovits, Melville J. — Franz Boas: The Science of Man in the Making. Charles Scribners Sons, New York, 1953, págs. 56-52 e 72.
- 15) Bascom, William R. e M. J. Herskovits — Continuity and Change in African Cultures. Univ. of Chicago Press, Chicago and London, 1959, pág. 10, grifos nossos.
- 16) Myrdal, Gunnar — An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy. Harper Bros., New York, 1944.
- 17) Herskovits, Melville J. — The Myth of the Negro Past. Harper Bros., New York, 1941.
- 18) Idem — "Problem, Method and Theory in Afroamerican Studies". Afroamerica, vol. 1, 1945, págs. 5-24.
- 19) Idem — Man and His Works: The Science of Cultural Anthropology. Knopf, New York, 1948, grifo nosso.
- 20) Ribeiro, René — "O Indivíduo e os cultos afro-brasileiros do Recife" I e II, Sociologia (S. Paulo), vol. XII, ns. 3 e 4, 1951, págs. 195-208 e 325-340.
- 21) Idem — "O Teste de Rorschach no estudo da aculturação e da possessão 'fetichista' dos negros do Brasil". Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, vol. 1, 1952, págs. 44-50.

- 22) Idem — Religião e Relações Raciais. MEC, Serviço de Documentação, Rio, 1956.
- 23) Nogueira, Oracy — Tanto Preto quanto Branco: estudo de relações raciais. T. A. Queiroz, S. Paulo, 1985.
- 24) Jaguaribe, Hélio — "Raça, Cultura e Classe na Integração das Sociedades". Dados: revista de Ciências Sociais. Vol. 27, n.º 2, 1984, págs. 125-3, cit. pág. 140, grifo nosso.
- 25) Ribeiro, René — "As estruturas de apoio e as reações do Negro ao Cristianismo na América Portuguesa". — The Americas. Vol. XIV, n.º 4, April, 1958, págs. 454-84.
- 26) Idem — "Problemática pessoal e interpretação divinatória nos cultos afro-brasileiros do Recife". Revista do Museu Paulista, vol. X, nova série, págs. 225-42.
- 27) Ribeiro, René — "Aplicação da Sociometria à didática da Antropologia". Rev. do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE), vol. 1, n.º 1, jan./junho 1970, págs. 88-98.
- 28) Idem — Neurobiologia, vol. XXI, n.º 2, junho 1958, págs. 71-84.
- 29) Idem — "O episódio da serra do Rodeador 1817-20: um movimento milenar e sebastianista". Rev. de Antropologia, vol. 8, n.º 2, Dez. 1960, págs. 133-44.
- 30) Idem — "Brazilian Messianic Movements". Comp. Studies in Society and His ory, suppl. II, Mouton, the Hague, 1962, págs. 55-69.
- 31) Idem — "Significado sócio-cultural das cerimônias de Ibegb". Rev. de Antropologia, vol. 5, n.º 2, dez. 1957, págs. 129-44.
- 32) Idem — "Cultos afro-brasileiros do Recife: limitação e complexidade". II Semana Afro-brasileira. Projeto Feltonia, Porto Alegre, 1983.
- 33) Idem — "Psicopatologia e pesquisa antropológica". Universitas (UFBA), ns. 6 e 7, maio/dez. 1970, págs. 123-34.
- 34) Idem — "Pentecostalismo no Brasil". Vozes, vol. 6, n.º 2, fev. 1969, págs. 125-36.
- 35) Idem — "Igrejas e cultos no Brasil". Revista de Antropologia, vol. 21, 1.º parte, 1976, págs. 13-26.
- 36) Idem — "A propósito de Igrejas e Cultos no Brasil: uma nota metodológica". Antropologia da Religião e outros estudos. Ed. Massangana, Recife, 1982, págs. 269-73.
- 37) Murphy, Robert — The Dialectics of Social Life: alarms and excursions in anthropological theory. Columbia Univ. Press, New York, 1971, págs. 24 e 32-33.
- 38) Toynbee, A. J. — A Study of History. Oxford Univ. Press, 1954.
- 39) Figueira, S. A. — Cultura da Psicanálise. Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1985, págs. 10-11.
- 40) Ribeiro, René — Antropologia da Religião etc. cit. págs. 301-10.

- 42) Eduardo, O. Costa — *The Negro in Northern Brazil: a study in acclimatisation*. J. J. Augustin, New York, 1948.
- 43) Bastide, Roger — *Les Religions Africaines au Brésil*. Presses Univ. de France, Paris, 1960.
- 44) Gonçalves, A. C. e L. Cruz — "Algumas características demográficas e de habitação do Sítio dos Peixinhos". *Bol. Inst. J. Nabuco Pesq. Sociais*, vol. 10, 1961, págs. 39-62.
- 45) Perlman, J. E. — *O Mito da Marginalidade*. Paz e Terra, ed. Rio, 1977.
- 46) Harris, Marvin — *Culture, People, Nature an Introduction to general Anthropology*. 3.ª ed. Harper and Row, New York, 1980, págs. 115-16.
- 47) Novak, Michael — *O Espírito do Capitalismo Democrático*. Ed. Nórdica. Rio, 1982, pág. 60.

## A EXPLORAÇÃO COMERCIAL MARÍTIMA E OS NEGÓCIOS ULTRAMARINOS NA ESPANHA DO SÉCULO XVIII

Suely Machado Crespo

Do Instituto de História e Serviço Social — UNESP

Na época do descobrimento da América, a Espanha era economicamente deficitária, no âmbito do relacionamento capitalístico europeu. A montagem de seu império ultramarino, nos primeiros séculos, e o controle exercido sobre vastas regiões, não alteraram aquela insuficiência. (1)

1) Cf. S. angle, J. e Steing, Barbara H. — *La herencia colonial de América Latina*. México, 1974, p. 7-10. Reglá, Juan, dir. — *Historia de España*. Ilustrada. 5.ª ed., Barcelona, 1970, t. 1, p. 446; Mousset, Albert. *Hisóire d'Espagne*. s. ed., Paris, 1947, p. 213-215; Roel Pinada, Virgilio. — *Historia Social y Economica de la Colonia*. s. ed., Lima, 1970, p. 31-33; Spooner, F. — *L'économie mondiale et les frappes monétaires en France*. Paris, 1956, p. 25, apud Villar, Pierre-Oro y moneda en la Historia (1450-1920). 2.ª ed., Barcelona, 1972, p. 14; Clark George — *La Europa Moderna (1450-1720)*. 2.ª ed., México, 1970, p. 04-41; León, Pierre — *Economies et Sociétés Préindustriales*. t. 2 — 1650-1788. Les origines d'une accélération de l'histoire. 1.ª ed., Paris, 1970, p. 5-6; Carney Jr., James J. — *Early Spanish Imperialism*, in: *The Hispanic American Historical Review*, Durham, North Carolina, v. XIX, n.º 2, may 1939, p. 140; Hauser, Henri — *La prépondérance espagnole (1559-1660)*. 3.ª ed., Paris, 1948, p. 257-259; Muret, Pierre — *La prépondérance anglaise*. 3.ª ed., Paris, 1949, p. 13-15; Altamira, Rafael — *Manual de Historia de España*. 2.ª ed., Buenos Aires, 1946, p. 401-403; Atkinson, William C. — *His oire d'Espagne et du Portugal*. 1.ª ed., Paris, s. d., p. 201-203; Aveilino, Yvone Dias — *O Instituto de Naturalização. Mercadores-banqueiros na conjun ura comercial da América dos Austríacos*. e. ed. São Paulo, 1972, p. 29-32; Sagnac, Philippe e Saint-Léger, A. de Louis XIV (1661-1715). 3.ª ed., Paris, 1949; p. 6-10; Ullca Cisneros, Luis e Camps Cazorla, Emilio — *La Casa de Austria*